

# “MÃO NEGRA”: ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA NOTÍCIA DO JORNAL “OLÉ”

Bruno Amorim Pantoja\*  
David Durval Jesus Vieira\*

## Resumo

O presente artigo tem por finalidade fazer uma análise da manchete do jornal argentino “Olé” acerca do uso da expressão “mão negra” e da imagem do árbitro José Argote, em uma notícia sobre o resultado de um jogo de futebol da Taça Libertadores da América de 2016, entre Atlético Nacional e Huracán. Para tanto, faz-se necessário um amparo das teorias de análise do discurso ancoradas nos autores Bakhtin, Fiorin, Marx e Van Dijk. Essa análise foi feita com base na frase destacada na capa do jornal “Olé”, intitulada “Mano Negra”, que foi publicada no dia 4 de maio de 2016.

**Palavras-chave:** Discurso. Racismo. Ideologia. Jornal. Argentina.

## Abstract

This article aims to analyze the headline of the Argentine newspaper "Olé" about the use of the expression "black hand" and the image of referee Jose Argote, in a news about the result of a football game of the Libertadores da América Cup of 2016, between Atlético Nacional and Huracán. Therefore, it is necessary the support of the discourse analysis theories anchored in the authors Bakhtin, Fiorin, Marx and Van Dijk. This analysis was based on the published on the cover of the newspaper "Olé", entitled "Mano Negra", which was published on May 4, 2016.

**Keywords:** Discourse. Racism. Ideology. Newspaper. Argentina.

## 1 Introdução

O jornal argentino Olé publicou uma notícia sobre um jogo de futebol da Taça Libertadores da América entre o Club Atlético Nacional S. A. (clube colombiano) e Club Atlético Huracán (clube argentino), sob a arbitragem do venezuelano José Argote, em 2016, protestando contra o resultado da partida, que desfavoreceu o clube argentino. Para o jornal, o árbitro favoreceu os colombianos ao expulsar o zagueiro Federico Mancinelli e marcar um pênalti a favor do Atlético Nacional. A “revolta” do “Olé” com o resultado do jogo se manifestou estampando a imagem do árbitro e a expressão “Mão negra” na primeira capa do jornal.

Esse jornal tem bastante visibilidade no Brasil e destina-se ao público amante do

---

\*Professor de História da Rede Municipal de Ensino de Castanhal. Mestrando em Ensino de História (UFPA).

\* Professor de História da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal do Pará (IFPA). Mestre em História Social da Amazônia (UFPA). Membro do Grupo de Pesquisa “Diversidade étnico-racial, saberes tradicionais, e educação na Amazônia” (IFPA – Campus Parauapebas).

futebol, constituindo-se de matérias sobre o esporte no seu país de origem, mas sem deixar o futebol mundial de fora de seu conteúdo, sobretudo quando se fala da Copa Libertadores da América.

Com esse artigo, temos o objetivo de fazer considerações pautadas na questão de ideologia, para então percebermos a sua relação com o discurso. Baseando-se nas informações citadas, faremos uma análise da manchete, observando os pontos de vista acerca da frase de capa do jornal e buscando entender a intencionalidade da manchete.

## 2 Entre passado e presente

A capa do jornal argentino “Olé”, traz uma foto do jogador do time argentino de futebol, Huracán, confrontando o árbitro da partida, José Argote, por ter marcado o pênalti que eliminou seu time da Copa Libertadores da América, em 2016. Ao lado da imagem há uma frase em letras garrafais: “MANO NEGRA”, conforme a imagem a seguir.

Figura 1: Revista Olé.



Fonte: Reprodução/Internet

É interessante observar que o árbitro do jogo é negro e ao se colocar a frase ao lado da imagem, percebemos uma referência direta ao árbitro e ao resultado da partida. O jornalista Ariel Palácios, correspondente da TV Globo em Buenos Aires, analisou criticamente a expressão “Mão negra”. Para ele, o histórico preconceituoso do jornal argentino indica que essas palavras tiveram um cunho racista:

O termo “mão negra” no mundo hispânico está sempre ligado a conspirações. Há outra expressão que é “monge negro”, em referência a alguém que atua na surdina, quase sempre vinculado dentro de um governo. No entanto, essa manchete do “Olé”, em que aparece o árbitro José Argote, que é negro, levando em conta que o “Olé” costuma fazer trocadilhos e também o precedente de comentários racistas do “Olé” nestes últimos 20 anos, a minha tendência pessoal é achar que existe algo de racismo nesse jogo de palavras (SPORTV, 2016).

As suposições do jornalista Ariel Palácios, devem-se levar em conta em virtude também do histórico racista na formação do Estado-Nação argentino. No final do século XIX, estava claro para a elite dirigente “que a construção da Argentina como estado civilizado e moderno, réplica da Europa e Estados Unidos da América, requeria uma profunda modificação das características populacionais do país, tanto em quantidade quanto em composição”. O homem branco e “civilizado” se tornou “parâmetro de referência para os diversos Outros que procurou incluir e excluir simultaneamente da nação como ‘povo’ e da república como dimensão política da nação”, justificando-se “diversos processos de extermínio, invisibilização, transplante populacional e homogeneização” (BELVEDERE, et al., 2015, p. 26-27).

Corroborava para esses processos, as teorias raciais da época, como o “darwinismo social”. Segundo Schwarcz (1993, p. 76-77), essa perspectiva “via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que ‘não se transmitiriam caracteres adquiridos’, nem mesmo por meio de um processo de evolução social”. As consequências disso foram o enaltecimento da “existência de ‘tipos puros’ – e, portanto, não sujeitos a processos de miscigenação”, e a compreensão da “mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social”.

Nesse contexto, parte dos indígenas argentinos foi exterminada sob a alegação do resgate de seus territórios da “improdutividade para a prática agropecuária”, embora o povo indígena cultivasse e/ou praticasse a criação de animais, por meio de incursões militares como a Campanha do Desterro e a Campanha ao Chaco, entre 1878 a 1911 (BELVEDERE, et al., 2015, p. 28).

Paralelamente, o Estado argentino implementava políticas de atração e retenção de imigrantes europeus. “Entre 1870 e a Primeira Guerra Mundial, os europeus representaram a imigração mais numerosa que a Argentina recebeu”. No entanto, a “realidade imigratória parecia desvirtuar o ideal de civilizatório”, devido a “efeitos sociais inesperados como a concentração nas grandes cidades, greves, formação de sindicatos e partidos políticos classistas”, fazendo com que a elite nacional visse no europeu o “estrangeiro anarquista, comunista ou socialista como ameaça à ordem pública e como suspeito político”. Contudo, “o freio à imigração imposto pela Primeira Guerra Mundial, o crescimento econômico

controlado”, a exclusividade política e o “lugar de enunciador da elite tradicional”, abriram “espaço para um novo olhar sobre o estrangeiro” (BELVEDERE, et al., 2015, p. 30).

Em torno de 1950, os imigrantes europeus e seus descendentes passaram a serem vistos como o “protótipo do ‘bom imigrante’, daquele que com seu esforço pessoal consegue vencer as adversidades e as circunstâncias”, definindo-se como o “Nós hegemônico” a partir do qual se enuncia o “Outro”, referente a migrantes internos e dos imigrantes de países vizinhos (Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai) e asiáticos (japoneses, coreanos e chineses) que chegam à Buenos Aires a partir de 1930, aos integrantes de classes populares, e às mulheres, gays, ciganos, afrodescendentes, judeus, e indígenas” (BELVEDERE, et al., 2015, p. 30-34).

Sobre os afrodescendentes pesa uma desvalorização cultural por parte da historiografia argentina, ao mesmo tempo em que esta, “relativiza a proporção da população africana que contribuiu para configurar a comunidade nacional”. Cotidianamente, nega-se a “existência de afro-argentinos, assumindo lugares comuns como ‘na Argentina não tem negros’ ou ‘com certeza eles vêm do Brasil’”. No entanto, ao tratar-se da “figura do mestiço latino-americano e, especialmente, daquele que saiu de uma província para a capital”, a noção de “negro” é recuperada (BELVEDERE, et al., 2015, p. 34).

Um exemplo disso foi o uso do termo “cabecinhas negras”, na década de 1940, quando os migrantes internos, “mobilizados pela industrialização que estimulava o êxodo rural-urbano em busca de melhores perspectivas laborais, transformaram-se em sujeito político e adquiriram inusitada visibilidade”. Apoiado por essa camada, Domingo Perón assume a presidência em 1945, colocando “as camadas média e alta de Buenos Aires, em sua grande maioria europeizadas”, em confronto “com a multidão de carne e osso até então afastada dos espaços públicos da cidade”. Para discriminar estes últimos, aqueles o chamavam de “cabecinhas negras”, lembrando os “traços fenotípicos resultantes de várias formas de mestiçagem, em que é marcante a herança indígena e negra”, enquanto os descendentes de europeus se autodenominavam como “portenhos” (BELVEDERE, et al., 2015, p. 31).

Atualmente, o racismo popular<sup>1</sup> argentino reapropriou essa expressão, utilizando o termo “cabeça negra”. Trata-se de um “racismo figurado, pois não enfatiza a cor da pele, mas a da cabeça. Em outras palavras, o que define o negro é a maneira de pensar”. No racismo

---

<sup>1</sup> Segundo Belvedere, et al. (2015, p. 45), o racismo popular, “próprio dos grupos inferiores das classes médias, da classe operária e dos setores vulneráveis e excluídos da sociedade, é, acima de tudo, um racismo público, na medida em que se expressa nos espaços públicos de maneira mais direta e menos encoberta que outros (nos estádios de futebol, na rua, nos meios massivos, etc.)”.

elitista<sup>2</sup>, percebe-se “o negro como um indivíduo dotado de capacidade intelectual limitada (costuma associá-lo à ignorância, falta de educação e indolência)” (BELVEDERE, et al., 2015, p. 47-49).

Outros termos frequentemente utilizados pelo racismo popular são “negro puto” e “negro de merda”. O primeiro é uma “apropriação simbólica da condição sexual com a intenção de destacar a inferioridade social e a sujeição do Outro”. O segundo também manifesta o caráter “rejeitável do Outro, mas incorporando a alusão à rejeição física e à desumanização que não aparecia no tópico anterior” (BELVEDERE, et al., 2015, p. 47).

Portanto, o racismo está presente historicamente na formação da sociedade argentina. O uso da expressão “mano negra”, articulada à imagem do árbitro e ao resultado da partida de futebol é um indício de sua atualização nos grandes meios de comunicação. Os conceitos de discurso e ideologia corroboram para essa análise.

### **3 Discurso, ideologia e racismo**

Para Fiorin (2011), os discursos de uma dada época constituem uma visão de mundo e que esses mesmos elementos aparecem através de outros discursos já construídos. Sendo assim, ao se observar a manchete do jornal *Olé*, e se conhecendo o seu precedente discursivo e histórico, temos um entendimento acerca da frase “mão negra”, aliada a imagem do árbitro negro, e, por conseguinte, achar que houve racismo na manchete. Nesse sentido:

O discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. (FIORIN, 2005, p. 11).

A frase na capa do jornal “*Olé*” não é somente um elemento linguístico. Para Bakhtin (1992), é uma combinação de elementos, que são utilizados com a finalidade de exprimir ideias, pensamentos e sentimentos. Além disso, embasando-se nos conceitos de Bakhtin (1997), pode-se dizer que a língua como discurso está ligada diretamente a quem fala. Seus valores, seus atos e sentimentos estão também ligados a esse jogo ideológico. Já para Fiorin (2011), o discurso é a materialização das formações ideológicas. Portanto, não existe discurso que seja isento de intencionalidade, de ideologias, pois sempre há determinada intenção por parte de quem o produz.

---

<sup>2</sup> Segundo Belvedere, et al. (2015, p. 45), o racismo elitista “é formado pelas classes média e alta da sociedade”. Normalmente é “reprimido ou matizado nos espaços abertos e se expressa com maior liberdade na intimidade (o bate-papo, o intercâmbio de opiniões com pares ou correligionários, o lar, o clube, ou seja, onde houver uma composição social homogênea e tempo para perder, posto que é um discurso com maior fôlego)”.

Além disso, as ideias de sociedade de classes e disputa de interesses ajudam a fundamentar e a esclarecer a opinião do jornalista Ariel Palácios, da TV Globo. Segundo Marx e Engels (2006, p. 59-60), a distribuição desigual do trabalho e de seus produtos leva à “contradição entre o interesse individual ou da família isolada e o interesse coletivo da totalidade dos indivíduos que se relacionam entre si”. Dessa contradição de interesses, “segue-se que todas as lutas no âmbito do Estado”, correspondem “às maneiras ilusórias nas quais se desenvolvem as lutas reais entre diferentes classes”.

Dentre essas lutas, está o embate de ideias. Para Marx e Engels (2006, p. 78), a “classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, o que faz com que sejam a ela submetidas, ao mesmo tempo, as ideias daqueles que não possuem os meios de produção espiritual”.

Para Dijk (2015, p. 97-98), o grupo que detêm o poder material e espiritual é a elite branca. Segundo esse autor, “a maioria da elite de poder é branca e seu poder implica acesso preferencial aos meios de comunicação de massa, aos discursos políticos de tomada de decisão, aos discursos da burocracia e ao sistema legal”. Além disso, “é o grupo branco como um todo que tem privilégios especiais de acesso aos recursos sociais, incluindo aí os recursos simbólicos da comunicação”. Como resultado, “o quadro de pessoal nos jornais é praticamente todo composto de brancos”, acarretando “sérias consequências na produção de notícias, no estilo de redação, no acesso às fontes e no ponto de vista geral do discurso jornalístico ou dos programas de televisão”.

Dessa forma, segundo Dijk:

questões e tópicos que são diretamente relevantes para as minorias, recebem menos cobertura e menos proeminência. Esse é o caso das questões como discriminação, racismo, violência policial, escassez de empregos, condições de trabalho miseráveis e outras”, especialmente quando “a elite branca é culpada pela situação (DIJK, 2015, p. 99).

Além disso, o conteúdo e a estrutura sintática da manchete, sistematicamente favorecem essa elite e os brancos em geral, e problematiza as minorias. As ações negativas destes últimos “são tornadas mais proeminentes (por exemplo, por meio de topicalização, cobertura de primeira página, construção da manchete, ênfase, retórica)”, enquanto as ações negativas dos primeiros “são amenizadas por meio de negação, eufemismo, atenuação ou outras estratégias que evitam uma auto apresentação negativa” (DIJK, 2015, p. 100).

#### **4 Considerações Finais**

Com este artigo, esperamos contribuir para a implementação da lei 10.639/03, que

torna obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, e do Parecer CNE/CP 03/2004, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais que regulamentam tal lei.

Além de regulamentar os referidos dispositivos, o Parecer “procura oferecer uma resposta na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade”. Essas políticas correspondem a um conjunto de ações direcionadas “à correção de desigualdades raciais e sociais, orientadas para oferta do tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória” (BRASIL, 2013, p. 83-85)

Para o ensino de História da África, o Parecer determina, dentre outras coisas, a abordagem de temas relativos às culturas e às histórias “dos povos do continente africano e os da diáspora; à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural e história dos africanos e seus descendentes fora da África; à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe, Europa, Ásia” (BRASIL, 2013, p.95). Atendemos essas diretrizes, ao tratarmos do racismo sofrido por descendentes africanos na América Latina.

Averiguando-se a constituição racista do Estado-Nação argentino, o histórico de discursos e os trocadilhos preconceituosos do jornal “Olé”, e a predominância na composição em seu corpo de trabalho de jornalistas brancos, provavelmente, o uso da expressão “mão negra” e da imagem do árbitro José Argote, na primeira página do jornal, foi mais uma forma de problematizar a atitude, não só do árbitro, mas dos negros em geral, contribuindo assim para a difusão do preconceito racial entre o público leitor. Uma das raízes disso é o controle do poder e dos meios de comunicação pela elite branca.

## Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BELVEDERE, Carlos; et al. Argentina: sinopse da situação. In: DIJK, Teun A. van (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2015.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 15 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

FREITAS, M. T. A. Nos Textos de Bakhtin e Vygotsky: Um Encontro Possível. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, v. 1, p. 311-330.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SPORTV. **Jornalista vê racismo em manchete do jornal argentino "Olé": "Mano Negra"**. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2016/05/jornalista-ve-racismo-em-manchete-do-jornal-argentino-ole-mano-negra.html>>. Acesso em: 01 set. 2016.